

Evanildo Bechara

O FUTURO ROMÂNICO
CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE SUA ORIGEM

Tese apresentada à congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, para concurso de Livre Docência de Filologia Românica.

Rio de Janeiro

1962

ÍNDICE

Capítulos	Páginas
1. A filiação do futuro românico antes do aparecimento da Romanística.....	1
2. As duas explicações tradicionais do futuro românico	2
2.1. A explicação “morfológica”	2
2.2 A explicação “semântico-estilística”	3
2.3. A explicação dada por E. Coseriu pelo influxo do latim cristão	4
3. Fundamentos das explicações.....	9
3.1. A explicação dita “morfológica”	9
3.2. A explicação dita “semântico-estilística”	12
3.3. A explicação pelo influxo do latim cristão.....	17
4. Críticas às explicações.....	20
4.1. Críticas à explicação “morfológica”	20
4.2. Críticas à explicação “semântico-estilística”.....	23
4.3. Críticas à explicação pelo influxo do latim cristão	25
5. Conclusão	41
Bibliografia.....	46

O FUTURO EM ROMÂNICO

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE SUA ORIGEM

1. A FILIAÇÃO DO FUTURO ROMÂNICO AO LATIM, ANTES DO APARECIMENTO DA ROMANÍSTICA

Cinco séculos antes do aparecimento da Romanística, já o erudito Antônio de Nebrija (1444-1532), em 1492, no seu “*Lexicon Latino-Hispanicum*”, e na “*Gramática Castellana*”, já explicava o futuro espanhol pela perífrase latina *infinito + habere*:

“El venidero del indicativo dizese por rodeo del presente del infinitivo i del presente del indicativo deste verbo *e as*, i assi dezimos *io amare* como si deixesemos *io e de amar*” (GC, 125).

Oitenta anos mais tarde, outro erudito italiano, Ludovico Castelvetro (1505-1571), na sua obra “*Contra Il Varchi*” (1572), dava a mesma origem para o futuro de sua língua materna, estendendo a explicação para o francês e espanhol.¹

¹ G. Gröber, GRPh., I², 15 e 32; J. Wackernagel, VS, I, 196 (que, por engano, talvez por citar de segunda mão, escreve *Lebrio* por *Lebrija*); F. Diez, GIR, II, 109.

2. AS DUAS EXPLICAÇÕES TRADICIONAIS DO FUTURO ROMÂNICO

2.1. A explicação “morfológica”

Se é pacífica a lição de *como* se originou o futuro românico, o mesmo não ocorreu com as explicações de *porque* surgiu esta forma verbal. As razões apresentadas até hoje foram, há pouco, resumidas em recente artigo do erudito lingüista Eugenio Coseriu, da Universidad de la República Uruguai:

Según la primera explicación – a la que cabe llamar “morfológica” –, el futuro clásico se sustituyó por formas perifrásticas debido a la heterogeneidad y a las deficiencias materiales de las formas sintéticas; deficiencias que se volvieron intolerables sobre todo después de ciertos cambios fónicos ocurridos en el llamado “latín vulgar”. En efecto, el futuro “sintético” resultaba algo extraño, desde el punto de vista sistemático, por formarse de dos maneras distintas en las cuatro conjugaciones (isto é, em *-bo*, *-bis* para a 1ª e 2ª e *-am*, *-es* para a 3ª e 4ª conjugações: *amabo*, *videbo*, *legam*, *audiam*, sem levarmos em conta as formas em *so*: *faxo*, *capso*, e a formação isolada *ero eso*)² y por la coincidencia com el subjuntivo presente en la primera persona de las conjugaciones 3ª y 4ª. Por lo tanto, ya en el latín clásico, constituía un “punto débil” del sistema. Ahora, en el latín “vulgar” se confunden a menudo /w/ y /b/ y con ello surge la confusión de las formas de futuro (*amabit*) con las de perfecto de indicativo (*amavit*)³. Por otra parte, el pasaje de *i* a *e* y la pérdida de la cantidad vocálica llevan a molestas homofonías o casi-homofonías entre las formas de futuro de los verbos de 3ª y 4ª conjugación y las formas de presente de los mismos verbos (*dices* - *dicis*, *dicet* - *dicit*)⁴. Todo esto habría determinado la sustitución del futuro “sintético” por perífrasis com *habeo*, *debeo*, *volo*, que resultaban inequívocas. Em otros términos, sin que interviniera ninguna necesidad expresiva nueva, las formas perifrásticas se habrían adoptado para cumplir la misma función con la que ya no podían cumplir satisfactoriamente las formas sintéticas; la razón determinante habría sido una siple *necesidad distintiva* (RBF, 1-2)⁵.

² - Ainda sobreviveu no francês antigo: *er* (também *ier*, *ere*, *iere*), espanhol, provençal (cf. C. Battisti, *Avviamento*, 235; M.-Lüke, GLR, II, § 317) e italiano do norte (Maurer, GLV, 125 n): “Cui eo returnar int pois, in nulla aiudha contra Lodhuwig nun li iv er” (*Serments de Strasbourg* de 842 apud Bartsch-Wiese, CLF, 3); “ja mais n’ier liede, chiers filz, ne n’iert tes pedre” (*Saint Alexis*, *ibid.*, 19).

³ “...ipse etiam sua industria et labore nec sine maxima expensa hunc castrum *fundabit*” (LAI, Ed. E. Diehl, n.º 43): - “quod est XV kal. Septembris, *requiebit* in somno pacis” (*ibid.*, n.º 81); - “...qui *fondavet* hanc basilica sancti Petri et Pauli” (*ibid.*, n.º 120); “Prolixim tempore hunc nimirum *morabimus*” (CS, 85, ed. U. Westerberg); “*testemoniabit*” (apud I. Vieillard, LDRCPem, 166).

⁴ Há numerosos trechos da antiga literatura latina onde a forma *dices* ora pode ser interpretada como pres. (*dicis*), ora como futuro. Cf. Lindsay, LL, 526; Sommer, HLLF, 525.

⁵ E. Coseriu pôs de lado outros pontos que levariam a fazer do futuro românico uma forma posta em vigor por uma necessidade distintiva: a) homonímia de *dicam*, que tanto pode ser a 1ª pessoa do singular do futuro como do pre-

2.2. A explicação “semântico-estilística”

À 2ª explicação chamou E. Coseriu *estilística* ou *semântica* e assim a justifica: “...el futuro perifrástico se impuso debido al prevalecer de una particular actitud mental contraria a la idea meramente “temporal” del futuro y favorable, en cambio, a otros valores, modales y afectivos: lo determinante habría sido, pues, una *necesidad expresiva* para la que el futuro sintético del latín clásico resultaba inadecuado, no tanto por sus deficiencias formales como por su mismo contenido semántico” (*Ibid.*, 2-3).

2.3. A explicação dada por E. Coseriu pelo influxo do latim cristão

Estabelecidos os princípios em que se assentam as duas interpretações para o futuro românico, remata-os E. Coseriu com as seguintes considerações:

A primeira vista, ambas explicaciones, la morfológica y la semántico-estilística, parecen igualmente plausibles, y hasta podrían aceptarse como complementarias, pues no explican propiamente “lo mismo”: la primera trata de motivar la renovación de las *formas* de futuro en cuanto tales, mientras que la segunda quiere justificar el nuevo *contenido significativo* correspondiente a las formas latino-vulgares. Sin embargo, examinadas más de cerca, ellas resultan ambas insuficientes y vulnerables (*RBF, ibid.*, 5).

Para Coseriu o futuro românico entra no rol das alterações lingüísticas motivadas pelas novas necessidades expressivas exigidas pelo Cristianismo. E assim justifica sua opinião:

Pero una explicación universal (o autor se refiere à explicação semântico-estilística, que acha superior à morfológica) no es de por sí una explicación histórica. Para explicar por qué el futuro latino se sustituyó por formas modales *en una determinada época*, no alcanza con comprobar que se trata de algo que “suele ocurrir” y con señalar la razón universal del fenómeno. Hay que explicar también por qué esa razón universal (y permanente) resultó operante precisamente en la época del llamado latín vulgar: es decir que la necesidad expresiva universal debe justificarse como necesidad histórica. Ciertamente, las deficiencias materiales del futuro clásico exigían, en esa misma época, su reelaboración; y la tendencia general a la expresión “analítica” favorecía su sustitución por formas perifrásticas. Pero esas circunstancias no bastan para explicar el valor del futuro latino-vulgar y su coincidencia con otros futuros “modales” que no puede ser mera coincidencia.

La circunstancia historicamente determinante fue, sin duda, el cristianismo: un movimiento espiritual que, entre otras cosas, despertaba y acentuaba el sentido de la existencia e imprimía a la existencia misma una genuina orientación ética. El futuro latino-vulgar, em cuanto no significa “lo mismo” que el futuro clásico, refleja, efectivamente, una nueva actitud mental: no es el futuro “exterior” e indiferente, sino el futuro “interior”, encarado con consciente responsabilidad, como intención y obligación moral (*RBF, ibid.*, 14, 15)⁶.

sente do subjuntivo latino; b) homonímia do futuro da 3ª conjugação (*leges, leget, etc.*) com o subjuntivo da 1ª conjugação (*ames, amet, etc.*).

⁶ A explicação pelo influxo do Cristianismo estava, a meu ver, *latente* em outros estudiosos além de V. Bertoldi (p., 259, n.º 1), citado por E. Coseriu: “Bertoldi señala dos veces que el futuro perifrástico se afirma ‘en la época cristiana’ (p. 259 y 261) y una vez llega hasta llamarlo ‘mordo cristiano’, pero sin justificar esta expresión” (*RBF, ibid.*, 15

3. – FUNDAMENTOS DAS EXPLICAÇÕES

3.1. – A explicação dita “morfológica”

A explicação dita morfológica, cujos fundamentos foram apresentados anteriormente (2.1), é antiga, e já se acha registrada, dentro da Filologia Românica, em Diez (*GLR*, II, 107):

On a expliqué la disparition de ces divers temps par leur ressemblance plus ou moins exacte avec d'autres formes temporelles: dans *cantatem* par ex. une prononciation négligée de la voyelle de flexion *e* pouvait bien facilement confondre cette forme avec *cantarim*, *cantaram*, *cantabo* avec *cantabam*, *audiam* futur avec *audiam* présent.

Grandgent (*VL*, § 125) alude também à homonímia das formas verbais, mas acrescenta, com prudência, que outras causas poderiam ainda sobrepor-se às de ordem fonética:

The Latin future was not uniform in the four conjugations; the formation in *-bo*, which was used in three of them and prevailed in two, was native, according to Mohl, *Pr. Pers. PI*, 141-142, only in Rome and the immediate vicinity. Furthermore, the future in the first two conjugations was suggestive of the imperfect, and in the other two, in late pronunciation, was liable to

n. 39). Leio em J. Wackernagel: “Und nun hat die genaue Kenntnisnahme der jüngern Entwicklung des Lateins gezeigt, dass diese romanische Bildung in der Volkssprache der Kaiserzeit wurzelt. Es finden sich da schon seltsame Belege in grosser Zahl, namentlich in *Latein der Christen* (o grifo é meu), wie ja diese überhaupt ganz vorzügliche Proben einer von der klassischen Latinität abweichenden Sprache liefern” (*VS*, I, 196). Em *Löfstedt*: “Der erste Schriftsteller, bei dem die neue Ausdrucksweise in grösserer Frequenz auftritt, ist der geniale und selbständige Kirchenvater Tertullian, bei dem Thielmann einige 80 Beispiele Kennt” (*S.*, II, 65). Em *Salonius*: “Aus diesem Gebrauch (isto é, *habere + infinitivo* nas expressões de possibilidade e necessidade), der mit der Zeit, besonders in dem *theologenlatein* (o grifo é meu), häufiger wurde, entwickelte sich die rein futurische Verwendung dieser Verbindung, indem das modale Element allmählich zurücktrat” (*VP*, 283). Matoso Câmara lembra ainda (na *RBF*, 3, II, 222) H. F. Muller: “Enquadra-se (a explicação de E. Coseriu) assim no ponto de vista de Henri François Muller, para quem os grandes traços da evolução românica resultam de novas atitudes em face da vida, trazidas pelo Cristianismo (*L'époque mérovingienne, synthèse de philologie et d'histoire*, New York, 1945). Muller, cuja obra Coseriu não cita e portanto não sei como julga, trata a locução com *habeo* como resultado do impulso cristão para viver o futuro no próprio presente (pág. 188 ss)”. Em Bourciez: “Cependant, le tour par l'infinitif devint plus fréquent à partir de Tertullian, et chez les Pères de l'Eglise” (*ELR*, 118).

Diz Muller: “L'origine psychologique de cette périphrase (*habemus dicere* au lieu de *dicemus*) c'est, d'un côté, la tendance à rapporter l'avenir au présent, à le rapprocher, de l'autre, peut-être, à assurer cet avenir, à s'em faire un attribut, à en enrichir sa personnalité...” (*Ibid.*, 188).

confusion with the present subjunctive and indicative. *These causes or others made the future unpopular* (o grifo é meu).

Wartburg (*PML*, 163-4) dá como suficiente a explicação morfológica:

Los cambios fonéticos han sido también la causa de que el futuro latino fuese sustituido en las lenguas románicas por una agrupación sintáctica de palabras, la cual, con el tiempo, llegó a ser otra vez una fórmula simple. La identidad de *faciam* (subjuntivo presente) y *faciam* (futuro), habían producido ya mucha confusión; en consecuencia, se usa muchas veces también *deleam* (de *delere*), como futuro en lugar de *delebo*. *Videas* (como futuro de *videre*), *quiescant* (de *quiescere*), muestran que el contagio también se había propagado a las otras personas. Hasta la gran conjugación primera de verbos en –are, había sido contaminada. Avito (que murió en el 518), escribe *purget*, en lugar de *purgabit*. Los futuros de la primera y de la segunda conjugación con sus plenas terminaciones debían haber sido más fuertes elementos de oposición. Pero es que se había originado otro peligro: el cambio de –b- en –v- que se había producido en el siglo II, había hecho que varias personas fueran homófonas de las del perfecto (*cantabit* – *cantavit*, *cantabimus* – *cantavimus*).

Al lado de estas formas existía también la asociación modal *cantare habeo*, que venía a significar “yo he de cantar, tengo de cantar”. Cuando el uso de las formas del antiguo futuro podía originar confusiones, se prefirió la imprecisión modal mejor que el peligro de que la frase fuese mal comprendida. Thielmann (H. in *ALLI*, II, 48-89, 157-202) cita un ejemplo de Salviato, *De Gubernatione dei*, es decir, de mediados del siglo V, en el cual es evidente el deseo de evitar la anfibología: *liberandus a deo non eris, nisi te ipse damnaveris*.

El autor se siente embarazado por sua identidad fonética de la terminación de *liberaberis* (futuro de pasiva), y *damnaveris* (futuro anterior), y prefiere emplear una circunlocución.

Por fim, eis a lição de *vidos* (*MLR*, 205):

Il futuro perifrastico (*dicere amabo*) compare già in Cicerone, Seneca il retore, Lucrezio, ecc., per indicare la possibilità o la necessità, dopo tertulliano si fa sempre più frequente e così preso i padri della chiesa, a partire dal V sec., ha il significato di futuro e vive come tale nella massima parte delle lingue romanze. Il fatto che nelle lingue romanze non compaia più da nessuna parte il futuro sintetico del latino (*amabo, dicam, ecc.*) viene spiegato con la teoria che il futuro nel latino volgare poteva dar luogo a confusione in seguito agli sviluppi fonetici. Il lat. *amabit* infatti è divenuto uguale al perfetto *amavit* dopo che –b- intervocalica si è mutata in –v- ed il presente *dicis, dicit* si confonde con il futuro *dices, dicet* dopo il cambiamento di *i* in *e*. Così per evitare dannose omonimie nel sistema delle conjugazioni, si sarebbe fatto ricorso a costruzioni analitiche, ai futuri perifrastici *amare habeo, dicere habeo*. Tuttavia si potè fare ricorso a questi futuri analitici perchè il concetto di futuro, a causa della sua incertezza, può essere meglio espresso per mezzo di perifrasi, le quali si adattano ad uno stato d’animo indirizzato al futuro (cfr. *cantare habeo, habes (ad, de) cantare, volo cantare, venio ad cantare, fr. je vais chanter, sp. voy a cantar*). C’era inoltre anche il fatto che i futuri analitici erano sempre presenti in latino accanto a quelli sintetici, quali costruzioni fortemente espressive... Ma fino a questa confusione (isto é, *amabit* – *amavit, dices* – *dicis*) esistono una libera scelta tra le due possibilità d’espressione.

3.2. A explicação dita “semântico-estilística”

Meyer-Lübke propôs uma nova explicação para o desaparecimento do futuro sintético latino, segundo a qual não foi a confusão de formas (isto é, a razão morfológica), mas uma nova maneira de encarar a ação futura, responsável pelo fenômeno:

El románico há olvidado completamente el futuro imperfecto latino, y no ciertamente por razones de forma, ya que por lo menos el futuro en *-bo* no coincidía con ningún tiempo, sino porque el modo de pensar popular refiere a la actualidad la acción futura, o más precisamente la concibe como algo querido o que hay que hacer; y así dice: *volo, debeo, habeo cantare* (ILR, 288).⁷

A mesma razão psicológica está presente na seguinte lição de *Meillet*, com a diferença de que põe em relevo – não como fator preponderante, mas subsidiário –, a inexpressividade do futuro em *-bo, -bis/ -am, -es* devida à confusão de formas:

Un procès passé est un fait, dont on parle objectivement; un procès à venir est attendu, espéré ou redouté; on ne peut guère parler de l'avenir sans faire intervenir quelque nuance affective; en français même, où le futur est une forme couramment employée, au lieu de dire *je ferai*, on est souvent amené à dire, avec des nuances diverses: *je vais faire, je dois faire, je compte faire, j'ai à faire*, etc. Les formes qui, en latin classique, sont de simples futur, *ero, dicam* (*dicēs*), *amabo*, etc., sont d'anciens subjunctifs; et, même, la 1^{ère} personne *dicam* est restée ambiguë, à la fois futur et subjunctif en latin. Au *perfectum*, des formes comme *dixeris, dixerit*, étaient aussi ambiguës: à la fois futurs et subjunctifs. Souvent ambigu, toujours trop peu expressif pour une langue populaire, le futur que le latin s'était donné est sorti de l'usage. Il a été remplacé par des tours qui existaient dès le latin classique, mais avec les nuances de sens qu'indiquent les mots composants: *facere habeo, facere volo*, etc. (UHLL, 262-263).

E não é outro o ensinamento do mais recente manual de filologia românica:

Psychological reasons partly account for the general disappearance of the Latin future. One can indeed manage quite well without a future: it suffices to envisage a present, as with reference to the immediate future we commonly do in English. Among relatively primitive peoples a more remote future is seldom contemplated. The frequent use in later Latin texts of the present tense where classical Latin would require the future suggests that a similar outlook (or lack of outlook!) prevailed among the common people of the Empire. In the Romance of a large part of southern Italy, and even in some regions of central Italy, there is to this day no future tense, the present being always employed in its stead (G. Rohlfs, *HGIS*, II, 382).

In addition to this, the future tenses of classical latin were formally weak: in the first and second conjugations they closely resembled the imperfect, in the first the perfect too (cf. *amabit, amavit*), while in the third and fourth they were almost identical with the present (cf. present *dicit, legit*, future *dicet, leget*). Thus in conjugation as in declension, phonetic inadequacy played a part in the discarding of forms which were not vitally important for conversational purposes. Futurity could not, however, be totally eliminated: it is implicit in verbs expressing intention or obligation, like English "will" and "shall", and in Latin in such verbal combinations as *debeo cantare, volo cantare*, and in the familiar *habeo ad cantare, habeo cantare, or cantare habeo* (Elcock, *RL*, 105-106).

Mas a explicação dita semântico-estilística é proposta em termos mais contundentes por K. Vossler, num artigo programático intitulado *Neue Denkformen im Vulgärlatein (Novas formas de pensamento no latim vulgar)*⁸:

⁷ É difícil aceitarmos a preliminar de Meyer-Lübke, de que o futuro em *-bo* não coincidia com nenhum outro tempo, fato que não negam as autoridades até aqui citadas e as que, seguindo de perto o pensamento do mestre suíço, serão lembradas adiante.

⁸ Apareceu primeiramente nas *Hauptfragen der Romanistik*. Festschrift für Ph. A. Bechker (Heidelberg, 1922, 170-191) e depois incluído no seu livro *Geist und Kultur in der Sprache* (Heidelberg, 1925, 56-83). Note-se que Vossler não despreza de todo a incômoda e inexpressiva homonímia de formas.

The downfall of the future tense was fraught with the gravest consequences. The conditions under which it occurred were manifold. I can only indicate the most important here. To begin with, the future as an inflexional schema was not unequivocally laid down. Because of its relation to the present conjunctive, it oscillated between a modal and a temporal orientation; between *amabo* and *delebo* on the one hand, *legam* and *audiam* on the other; *-bo* and *-am* were equally balanced and began to contest each other's position. So we find all kinds of confusions in later Latin: *floriet* for *florebit*, *respondam* for *respondebo*; *audibo* and *dormibo* for *audiam* and *dormiam*, etc. In addition there was the similarity in sound between *amabit* and *amavit*, *amabunt* and *amabant*, of *leges* and *leget* with the conjunctive of the first conjugation: *am-es*, *am-et*, etc. Nevertheless, the form impulse of the language could very well have found a way out by means of analogous transpositions, and could have constructed a coherent future declension, provided the thinking impulse really set store by it. But the whole temporal conception of the future was weak and it broke down. There is hardly a language in which it is regularly used by the common people. The concept of the future, like the prophet in his own land, is usually neglected, or in some way misused and obscured by colloquial speech. For the ordinary man's attitude towards things is always that of willing, wishing, hoping and fearing rather than that of imagination, thought or knowledge. Probably the surest measure of the extent and depth of our education is the degree of calm and self-possession that we preserve in view of the future. Continuous collectedness and self-possession, in short, a philosophic temperament and attitude of mind are needed if the temporal outlook on the future is not to deviate into the modal spheres of fear and hope, of the wish, and of uncertainty. If we could survey all the uses of expressions for the beginning of antiquity⁹, and with this in mind could compare, say, the language used in the intercourse of the masses with the style of the most outstanding literary personalities, we would, I believe, have before us in all its philological depth and nuances the great gulf that separated the *ataraxia* of the great from the feverish religious hallucinations and the passionate dullness of the plebs. After the meaning of the future in Vulgar Latin had been deflected into the more practical and emotional directions of willing, demanding, fearing, etc., the old forms of inflexion could be dispensed with. For there were several other fresher and stronger means of expressing the new meaning: conjunctive, imperative, indicative, the simple infinitive, periphrasis with *velle*, *posse*, *debere*, which in most Romanic languages has become grammatized into a new future (SLC, 60-62).

3.3 – A explicação pelo influxo do latim cristão

Desprezando a explicação puramente morfológica, E. Coseriu parte das razões semântico-estilísticas defendidas, com especial relevo, por *Vossler*, para, indo mais além, concluir que “La renovación del futuro latino debe incluirse, pues, entre los muchos cambios lingüísticos motivados por las nuevas necesidades expresivas suscitadas por el cristianismo” (*RBF, Ibid.*, 16). E traz os seguintes argumentos para a sua tese:

Que ésta no es una illación fundada apenas en la contemporaneidad entre el cristianismo y el latín “vulgar” lo demuestra el hecho de que, en efecto, el nuevo futuro es particularmente frecuente en los escritores cristianos. Y hay más aún: en un escritor cristiano que era también gran filósofo – y, por lo tanto, era capaz de entender y revelar teóricamente esa “*neue Denkform*” que otros hablantes habrán adoptado de manera espontánea e intuitiva – aparece em términos explícitos la idea de la “compresencia” de los momentos temporales. Se trata, naturalmente, de S. Agustín y de su famoso análisis del tiempo, tan distinto de todo lo que, sobre esse tema, nos ha legado La antigüedad clásica. He aquí las palabras textuales del santo: “*nec proprie dicitur: tempora sunt tria, praeteritum, praesens et futurum, sed fortasse proprie diceretur,*

⁹ O tradutor inglês aqui traiu o pensamento de *Vossler* que dissera: “Wenn wir den gesamten Gebrauch der Zukunftsausdrücke am Ausgang des Altertums (i. e., no fim da antiguidade).

tempora sunt tria: praesens de praeteritis, praesens de praesentibus, praesens de futuris. Sunt enim haec in anima tria quaedam et álibi ea non vídeo, praesens de praeteritis memoria, praesens de praesentibus contuitus, praesens de futuris expectatio” (C., XI, 20, 26). Este importante documento nos proporciona el necesario indicio extralingüístico de que la actitud de que se habla existía y era, precisamente, una actitud cristiana (RBF, *ibid.*, 15).

Atribuindo a necessidade expressiva a um movimento como o Cristianismo, Cose-riu supõe ter firmado em bases mais sólidas a sua tese:

De esta manera, al atribuirse la iniciativa del cambio a un movimiento espiritual históricamente determinado, se elimina también la vaguedad de todas aquellas explicaciones que lo atribuyen al modo de hablar del ‘pueblo’. En general, el concepto de ‘pueblo’ (cuando no equivalente a ‘comunidad hablante’) es, en lingüística, un concepto ambíguo, cuyos límites nadie conoce. Pero en el caso dell llamado “latín vulgar” se trata, además, de una *petitio principii*, pues significa dar por demostrado precisamente aquello que es “popular” porque integra el “latín vulgar” (que es, simplemente, el latín continuado sin interrupción por las lenguas romances), sino que, al contrario, el “latín vulgar” es “popular” en la medida en que son “populares” los modos lingüísticos que lo integran. Mas esto último no puede darse por sentado de antemano, sino que debe comprobarse para cada modo en particular. Y, por lo que cocierne al futuro perifrástico, parece por lo menos que tal comprobación pueda arrojar resultado positivo (*ibid.* 16).

4. CRÍTICAS ÀS EXPLICAÇÕES

4.1. Críticas à explicação “morfológica”

A explicação “morfológica”, defendendo, para a vitória do futuro perifrástico sobre o futuro sintético, a tese de uma simples *necessidade distintiva* em vez de uma *necessidade expressiva nova*, tem recebido a crítica de “mecanicista” por não levar em conta o plano das significações categóricas. A crítica foi feita recentemente por Matoso Câmara (FVP, 30). Coseriu (RBF, *ibid.*, 2, nota 6) defende-a da pecha, argumentando que “la explicación ‘morfológica’ no es una explicación ‘mecanicista’. Mecanicistas son, por ej., las llamadas explicaciones ‘fisiológicas’ (que, en realidad, no explican nada)”. E conclui: “Las explicaciones funcionales se colocan necesariamente em el plano de la *finalidad* y de la *liberidad*, aun cuando quienes las proporcionan no tengan siempre plena conciencia de ello” (*ibid.*). Porém Matoso Câmara insiste, a meu ver com razão, na crítica:

A explicação do desaparecimento do futuro clássico pelo desgaste fonético de suas formas, afinal confundidas com as de outros tempos, mascara o fenômeno semântico profundo sotoposto ao novo tipo mórfico. É uma explicação mecanicista (mantenho o qualificativo), porque não leva em conta o plano mental das categorias gramaticais. A explicação mecanicista se opõe à explicação mentalista e não se confunde com a explicação fisiológica, como quer Eugênio Coseriu (pág. 2 n. 6); se assim fosse, Leonard Bloomfiel não poderia ser considerado mecanicista (o que ele é por consenso geral e até por seu consenso próprio), pois toda a sua doutrina se fundamenta na admissão de uma estrutura lingüística válida por si e não integrada na fisiologia humana (assim, opõe o fonema, que é uma entidade lingüística, ao som da fala, que é um mero efeito acústico produzido pelos órgãos fonadores). O mecanismo na evolução lingüística consiste em admitir um desgaste mórfico mecânico e incoercível, dissociado dos valores semânticos, de sorte que uma forma desaparece e é substituída por outra sem qualquer implicação no âmbito das significações categóricas. A explicação do advento do futuro romance que Coseriu chama “morfológica” (mas que é meramente fonética no sentido neogramático) é exatamente deste tipo, como é a do desaparecimento dos casos latinos pela obliteração fonética das desistências casuais: não se leva em conta que a evolução semântica, no sentido do futuro nítidamente modal ou da forma nominal única, deixou no desamparo as flexões correspondentes como uma excrescência na estruturação categórica em que a língua se firmava (RBF, 3, II, 225).

Vidos é de opinião que o fato se explica por um fenômeno de *seleção* entre formas verbais já existentes desde o latim clássico:

I futuri analitici non si devono mettere in relazione, come abbiamo visto a p. 205, ne con un nuovo atteggiamento del pensiero, né con il senso della personalità dell'uomo dell'epoca me-

rovíngia, ma come *perifrasi adatte per uno scopo diretto verso il futuro*, in qualità di possibilità di espressione, erano sempre stati presenti in latino. L'erroneo che hanno in comune tutti due questi metodi, è che essi si basano troppo poco sui fatti linguistici (*MLR*, 212 n.2).

A Coseriu, não satisfaz esta maneira de explicar o fenómeno, e com este comentário destrói a explicação “morfológica”:

Esta comprobación es cierta, pero, además de ser tautológica¹⁰, se refiere al “cómo” y no al “porqué” del cambio o de su sentido: el “porqué, la razón del cambio, debería de seguir siendo la ya señalada *necesidad distintiva*. Ahora, a esta razón – que, a pesar de todas las reservas, podría aun admitirse para el latín en particular – se opone un hecho esencial: el futuro perifrástico de orientación modal o aspectiva, no es específico del latín vulgar. En muchas otras lenguas La categoría de futuro se expresa mediante perífrasis de formación más o menos reciente y de valor claramente modal, “jusivo o ingresivo (inminente)”. Más aún: las mismas formas del latín clásico fueron modales e ingresivas antes de ser puramente “temporales”. Y en muchas lenguas, inclusive en las lenguas románicas, las mismas formas perifrásticas – aglutinadas o no, pero, de todos modos, ya “temporalizadas” – se vuelven a menudo a “sustituir” por las formas de presente o por nuevas perífrases modales, jusivas o ingresivas, tales como esp. *he de hacer*, *voy a ir*, fr. *j'ai à faire*, *jê vais faire*, sueco *jag kommer att göra*, etc. Ahora, no puede razonablemente sostenerse que todas estas sustituciones, que se realizan *en el mismo sentido*, se deban a deficiencias formales, es decir, a una mera necesidad distintiva, pues en la mayoría de los casos es evidente que esas deficiencias no existen. Y, si esto se reconoce, tampoco puede haber razón para suponer que el latín constituiría la única excepción o para atribuir el sentido modal y aspectivo del futuro latino-vulgar a una simple casualidad (*RBF*, 3, I, 9-10).

4.2. – Críticas à explicação “semântico-estilística”

Há uma objeção fundamental que se pode fazer à explicação “semântico-estilística”: se esta se baseia no enfraquecimento da categoria temporal de futuro, como é que a inovação é justamente no sentido de uma reconstituição desta mesma categoria? É o que comenta Meillet nas seguintes considerações: “Dans l'école de M. Vossler, on a attaché de l'importance à la disparition du futur latin; mais une forme du futur n'a disparu que pour être remplacée par une plus claire, et tout aussi employée” (*EHLL*, 271).

Também Coseriu, seguindo a Pagliaro, tece, com razão, este comentário:

En efecto, no puede hablarse de debilidad de la *categoría* de futuro, puesto que, en un sentido, la categoría como tal persiste, y solo se modifican su *forma* de expresión y su *orientación semántica*. Por otra parte, el hecho de rehacerse la materialización del futuro latino no indica su debilidad categorial, sino todo lo contrario: indica el interés que tenían los hablantes en mantener esa categoría. En la lengua, lo realmente “débil” no se rehace de ningún modo, sino que se abandona. Funcionalmente débiles eran las *formas sintéticas* del futuro clásico y, en efecto, ellas desaparecieron (*RBF, ibid.*, 5).

¹⁰ Assim justifica seu pensamento: “Em general, decir de un cambio que ocurrió por ‘selección’ significa sólo clasificarlo, y no explicarlo. Y en el caso específico equivale a volver a comprobar lo que ya se sabe y que nadie niega, o sea que ciertas formas latinas se sustituyeron por otras formas también pertenecientes a la norma latina, y no por empréstitos, por ej., o por creaciones *ad hoc*” (*Ibid.*, n. 22).

Como se lhe não bastasse obstáculo de tanto peso, a teoria de Vossler atribui a todos os romanos que empregaram, falando ou escrevendo, as formas e a idéia temporal do futuro em *-bo/ -am*, uma “permanente consciência” (*fortwährenden Selbstbesinnung*) e uma “índole e modo de pensar filosóficos” (*philosophischen Gemütsart und Denkgewohnheit*”, o que, de modo algum, se pode entender se tenha generalizado entre o povo, a menos que se parta de uma premissa errada, segundo a qual tais formas de futuro representassem uma criação do falar culto.

Depois, como ainda acentua *Coseriu*,

Desde el punto de vista formal, la explicación de Vossler constituye un círculo vicioso: su *neue Denkform*, más bien que ser lo que *explica*, es lo que se *deduce* de la renovación del futuro latino. Ello no es importante desde el punto de vista esencial (puesto que se trata de una intuición y no de una demostración) pero formalmente sería bueno encontrar otros indicios, en lo posible extralingüísticos, de esa actitud mental que se considera como determinante del cambio. De otro modo, ella se identifica con lo que las nuevas formas significan, y la *explicación* del futuro romance se reduce a la simple *comprobación* de su significado originario. Tampoco sirve señalar, a este propósito, que se trata de una actitud universal, pues, por un lado, ello se halla en contradicción con el aserto de que se trataría de una “*neue Denkform*” peculiar del latín vulgar y, por otro lado, la renovación del futuro latino, en cuanto hecho histórico, debe explicarse histórica y no universalmente. Esta última objeción afecta a todas las explicaciones semántico-estilísticas del futuro romance, que, precisamente por ser genéricas, no son históricas (*Ibid.*, 7)¹¹

4.3. Críticas à explicação pelo influxo do latim cristão

Fomos exageradamente prolixo na transcrição das defesas das três explicações até hoje ventiladas para o futuro românico, o mesmo acontecendo com as críticas às explicações “morfológica” e “semântico-estilística”, para não ti¹²

.¹³

¹¹ Pagliaro (*LG*, 19-20), *apud* Coseriu, *ibid.*) se inclina pela explicação “morfológica”, embora não veja nela todas as responsabilidades que desbancam o futuro clássico –, porque a deficiência distintiva de tais formas futuras é comprovada historicamente. Não perdendo de vista que ao futuro perifrástico era inerente uma noção de necessidade ou conveniência, acrescenta o citado mestre italiano: “...la questione dal punto di vista delle forme del pensiero à, se mai, quella del perchè nel latino volgare la nozione del futuro prende soprattutto l'aspetto della necessità, specialmente di ordine morale” (*Ibid.*). Partindo deste comentário, Coseriu chega a concluir a insuficiência da explicação “morfológica”, pois ela “puede explicar la necesidad de sustituir el futuro sintético, pero no su sustitución por ciertas formas, y no por otras. O, dicho de otra manera, si es cierto que las formas perifrásticas latino-vulgares sustituyen el futuro sintético del latín clásico y que, en un sentido, hay continuidad de esa categoría, también es cierto que la categoría misma presenta en el llamado latín vulgar una nueva orientación y que este hecho no puede explicarse morfológicamente: entre el futuro sintético y el futuro perifrástico hay *continuidad* y, al mismo tiempo, *desviación* funcional, y toda explicación que sólo atienda a la continuidad no explica la desviación” (*RBF*, *ibid.*, 8).

¹² NESTE PONTO, HOUE UM SALTO DE UMA PÁGINA (QUE SERIA A PÁGINA 26). SEGURAMENTE, ESTA FALHA SÓ OCORREU NO EXEMPLAR QUE CONSULTEI (QUE PERTENCE AO PROFESSOR ROSALVO DO VALE)

ainda o futuro perifrástico em autores pagões, como Porfírio, o comentador de Horácio, lembrado por Löfstedt (S., II, 66).

A cronologia também apresenta dificuldades para que se veja na erradicação do futuro clássico em benefício do futuro perifrástico, o influxo do latim cristão como causa suficiente. Lendo-se os escritores cristãos não se rastreia uma continuidade nem uma intenção estilística no emprego do futuro perifrástico que deveriam transparecer se a tese de Coseriu fosse válida. Pelo contrário, como a seguir procurarei mostrar, com exceção de Tertuliano, no início, e talvez S. Agostinho – com menos frequência –, no apogeu da antiga literatura latino-cristã, as abonações de tal linguagem são escassas no longo período de duzentos anos que medeiam os dois grandes e geniais vultos aqui citados. Esta observação se torna ainda mais importante quando se leva em conta que neste rol de escritores que fazem pouco uso do futuro perifrástico, estão aqueles que mais de perto contribuíram para a história do latim eclesiástico: S. Cipriano, S. Hilário, S. Filástrio, S. Ambrósio, Prudêncio, Lactâncio e S. Jerônimo.

É Tertuliano o primeiro escritor em que aparece com grande frequência a construção perifrástica *habere + infinitivo* para a idéia de futuro; Thielmann (*ALL*, 2 73), encontrou em suas obras uns 80 exemplos desta linguagem.¹⁴

Bem diversa é, neste particular, a atitude de seu contemporâneo S. Cipriano. Dele dizem Schijnen e Mohrmann que, com maestria, lhe estudaram a língua, acentuando a diferença entre as *Epístolas* e os *Tratados* (estes com maior aprimoramento lingüístico):

Es ist bemerkenswert, und wieder charakteristisch für die Art der Cyprianischen Kultursprache, dass er, während man bei Tertullian diese Konstruktion verhältnismässig oft findet, Umschreibungen mit *habere* nur sehr selten gebraucht. Und dabei muss dann noch in Betracht gezogen werden, dass er diese Umschreibung in den Briefen verhältnismässig öfter verwendet als in den Abhandlungen, wie bereits Thielmann, *ALL*, 2, 171 beobachtet hat. Aus den Abhandlungen kann dieser Gelehrte nur auf eine Stelle hinweisen, und zwar Dom. or. 34 (*H.* 292, 7) *trinitatis quae... manifestari habebat*. Mit Recht behauptet Thielmann, dass dieses auf einen wirklichen Unterschied im Sprachcharakter zwischen den Briefen und den Abhandlungen hinweist. Uebrigens muss man hierbei bedenken, dass es noch sehr lange dauern sollte, bevor die Umschreibung mit *habere* allgemeine Verbreitung fand (*SSBC*, II, 24).

A notável sintaxe latina de Schmalz, remodelada e ampliada por Hofmann, também assinala a ausência da construção perifrástica com idéia de futuro em S. Cipriano, S. Ambrósio e S. Jerônimo:

¹³ Cf. 2. 3 n. 5. Entre nós, o Prof. Isamael de Lima Coutinho escreveu sensatas considerações sobre o chamado latim cristão, na resenha do livro de Albert Blaise, "*Manuel du latin chrétien*", na *RBF*, 2, I, 1127-129.

Esta faltando esta página no original [ESTA NOTA DEVE SE REFERIR AO TEXTO DA PÁGINA 26, QUE FALTA NA MINHA FONTE]

¹⁴ Por isso não se pode pôr, quanto ao emprego da construção, em mesmo pé de igualdade Tertuliano, Lactâncio e S. Jerônimo, como dá a entender Juret no estudo gramatical sobre o latim de S; Filástrio (*RF*, 19, I, 244).

Währen Cyprian, Ambr. und besonders Hier. (nur in eccl. 1 p. 1020B *nasci habent* = fr. *naitr-ont* in einer schon bei Cypr. na belegenden Wendung) der volkstümlichen Umschreibung wenig Raum gewähren, wendet sie 3. B. Aug. in seinen Predigten und sonst mit Vorliebe an; die modale Bedeutung des Sollens, Könnens usw. ist dabei noch nirgends ganz verflüchtigt (LG, 558)¹⁵.

Não é outra a lição que encontramos em S. Hilário, em quem se nos deparam dois exemplos da perífrase *habere* + *infinitivo*, em contextos que se podem interpretar como para traduzir a idéia de futuridade, ou a de necessidade: “cum Herodes principes sacerdotium, ubi nasci habebat, Christus interrogat” (*Psalms*. 53, 8, passo que se aproxima de Math. II, 4; Vulg.: seiscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur; Itala: interrogavit ab eis ubi Christus nascitur; LXX: Ἐπυνάετο παρ αὐτῶν πού ὄχριστός γεννάται); puer in tribu ex qua *gigni habebat* electus”. A estes exemplos, R. B. Sherlock (*SNFVSH*, 162-163) acrescenta o seguinte comentário:

This use of *habere* with an infinitive as the equivalent of a simple future has its beginning with Valerius Flaccus and is greatly extended in late Latin since Tertullian, especially in ecclesiastical writers. The influence of the Greek futuristic present, termed a prophetic present, is undoubtedly a determining factor, as may be seen from one γεννάται in Math. II, 4. However, in the examples of Hilary, it is possible to understand *habere* in the meaning of *must* or *should* – *sollen*.

Outro escritor contemporâneo, S. Filástrio, também se mostra parcimonioso em tal linguagem, segundo o estudo lingüístico que dele fez *Juret*:

Plus tard l'idée de pouvoir (da perífrase *habere* + *infinitivo*) s'affaiblit et se transforma de telle sorte que la périphrase fut employée dans le sens d'un futur simple; encore rare chez Tertullien, Lactance, S. Jérôme, ce sens est fréquent dans la peregrinatio Sylviae et dans Grégoire de Tours. – Filastrius n'a que les deux exemples cités (*EGLSF*, in RF, 19, I, 244)¹⁶

No século seguinte a perífrase para indicar o futuro ainda ocorria com escassez nos textos literários. Vemo-la, por exemplo, no trecho de *Didascalia Apostolorum*: - “Nescis, quia rationem reddere habes domino pro unoquoque eorum”, a que Tidner faz este comentário, defendendo a independência da construção latina:

“Die Verwendung von *habere* als Hilfsverb ist hier, wie es scheint, unabhängig von der griechischen Fassung” (*SKLDA*, 190).

Nas *Vitae Patrum*, do séc. VI, a perífrase *habere* + *infinitivo* ocorre invariavelmente com a significação modal, constituindo exceção o seu emprego na tradução da idéia de futuro. Isto é que nos ensina Salonius: “Unsere Schriftsteller verwenden die

¹⁵ Quanto a S. Agostinho, eis a lição de Schrijnen-Mohrmann, quando estes, a respeito da perífrase em S. Agostinho, dizem: “Selbst in den volkstümlichen Predigten des hl. Augustin kommt das Futurum mit *habere* noch ziemlich selten vor, und zwar viel seltener als durchgehends behauptet wird: gegenüber dieser Umschreibung überwiegen selbst die Fälle mit *coepi* entschieden” (*SSBC*, II, 24). Muller, citando Régner, lembra que em 400 sermões, aproximadamente, ocorrem apenas 5 exemplos (*EM*, 189). Diante disto, penso que o famoso trecho de S. Agostinho sobre a análise do tempo deixa de pesar consideravelmente em favor da tese de Coseriu.

¹⁶ Bonnet (*LGT*, 634), citado por Muller (*EM*, 189), diz-nos que só encontrou *um* exemplo em Gregório de Tours.

Verbindungen *habere* + Inf. öfters, aber fast immer im modalen Sinne mit verschiedenen Bedeutungsschattierungen. Nur ausnahmsweise vertritt *habere* + Inf. das reine Fut.” (VP, 284).

De S. Avito, que faleceu em 518, nos diz Goelzer, no substancioso estudo *Le Latin de Saint Avit*; “Cependant on ne trouve chez Avitus presque aucune trace des formes périphrastiques que la langue commençait à employer pour remplacer le futur condamné à disparaître, en vertu même de la confusion dont il vient d’être question” (págs. 26-27).

Também Enódio, que faleceu em 521, não utiliza a perífrase senão nas idéias de necessidade e possibilidade; quanto ao seu emprego como futuro, segundo Dubois, “n’a prévalu qu’assez tard, et bien après l’époque d’Ennodius” (LE, 354).

A *Vita Wandregiseli*, que é dos primeiros anos do séc. VIII, nos oferece um único exemplo em que o futuro está expresso através de *habere* + *infinitivo*: “condicio vestra manere habit in perpetuo recti” (Müller-Marquardt, SVW, 215).

Deste elenco de citações, cobrindo um largo espaço de tempo que se torna ainda mais importante quando fixa os limites de numerosíssimas inovações lingüísticas, torna-se patente que a perífrase *habere* + *infinitivo* não havia ainda entrado triunfalmente na linguagem escrita como meio de expressão do futuro¹⁷. Aos olhos da maioria dos literatos, – ainda daqueles que procuravam, numa língua chã, e próxima do coloquialismo, levar a todos o conforto da fé através de um profundo movimento religioso –, deveria parecer muito vulgar este modo de dizer, e por isso o evitavam com certo cuidado. Da idéia de necessidade para a de aptidão ou capacidade, de realizar um intento, e desta para a de futuridade há um espaço não muito difícil de ser vencido, dadas as constantes e recíprocas invasões dos campos semânticos, de modo que vários dos exemplos apontados – aliás, como vimos –, podem enquadrar-se tanto num como noutro plano.

À reação da língua escrita talvez não correspondesse a língua falada que, havia muito, se preparara para tirar novos partidos expressivos da antiga construção latina de *habere* + *infinitivo*, como a usada por Cícero, por exemplo, na oração *Pro Roscio*: *habeo etiam dicere*” (=posso/ poderia dizer ainda). Temos dois testemunhos, de épocas bem distantes e diferentes, da “vulgaridade” da perífrase; um nos é dado pelo próprio Cícero que na Rosciana, trabalho que era das primeiras tentativas do gênio que se imporia à posteridade, usou de construções e processos estilísticos arcaicos ou vulgares que

¹⁷ O emprego da perífrase como idéia do futuro já se acha generalizada nos escritos de Alcuíno, purista e gramático, morto em 804, segundo artigo de P. Taylos (em RR, XV, 124-127), citado por Muller (EM, 189).

foram desprezados á medida do seu aperfeiçoamento literário, como a referida linguagem, segundo vários comentadores.¹⁸

O outro testemunho deriva indiretamente do primeiro, pois se traduz no cuidado com que os notários ou seus escribas merovíngios, aspirando a um latim culto, evitavam a perífrase para substituir o antigo futuro simples que, não tendo correspondência na língua falada, tinha de ser posto de lado, só ocorrendo em raríssimas ocasiões. O futuro clássico era já exageradamente literário, e a construção perifrástica muito vulgar para tais documentos, pois, como lembra Jeanne Vieillard (*LDRCP*, IX),

Les notaires mérovingiens emploient une langue impersonnelle; les documents qu'ils nous ont laissés sont des textes de caractère juridique, c'est-à-dire rédigés en une langue factice; ce sont des documents officiels, et tout aussi officiel devait être le langage dans lequel ils étaient rédigés; les notaires s'efforçaient d'écrire le plus correctement possible et de conserver les tournures fixées par la coutume, c'est dire qu'ils n'écrivaient pas comme ils parlaient, et l'influence de la langue populaire ser plus difficile à discerner que dans les ouvrages narratifs.¹⁹

Em vista disso, recorriam a outros expedientes, para indicar o futuro, como: a) presente do indicativo: “Date elemosena et omnia munda sunt vobis” (T. 19, 4 3 apud Vieillard, *ibid.*, 223); b) o subjuntivo (optativo): “si nec ipsi... hoc emendare potuerint... pontefez... invitandus sit” (t. 36, 13-146 apud Vieillard, *ibid.*); c) o futuro anterior: “quiquid facere voluerit... habiat potestatem” (XIV, 12 apud Vieillard, *ibid.*).

Bastardas Parera, no estudo que fez do latim dos cartulários espanhóis dos séculos VIII ao XI, também observa o mesmo cuidado em evitar a linguagem *amare habeo*, embora abundem nas “Glosas Emilianenses”, dos meados do século X, as novas formas de futuro como 103: *etu jrás*; 140: *farás*; 119: *lebartamus* = lobart-‘amus” (Parera, *PS-LM*, 147-148).

¹⁸ Cf. Landgraf (*KCRPR*, 7 e 197). Diz com razão este mestre, quanto à importância do *Pro Roscio* para o estudo do latim ciceroniano: “Die Rosciana ist für die historische Betrachtung des Ciceronischen Stiles von grosser Wichtigkeit, denn sie bildet den theoretischen Abschluss der ersten und ältesten Stilperiode Ciceros” (*ibid.*, 1).

¹⁹ F. Lot também enfatiza o artificialismo dos notários e escribas merovíngios: “Longtemps on a mis la barbarie de ces textes sur le compte de la langue vulgaire qui aurait exercé sur une influence néfaste. C'est une erreur complète. Leurs rédacteurs évitent, au contraire, avec soin, toute intrusion du parler populaire. Ils ont la prétention d'écrire en latin. Le résultat montre que le langage des connaissances que leur avait fourni l'école était léger” (*À quelle époque*, Alma, 6, 140). Tais fatos invalidam a tese da uniformidade deste latim escrito com o falado, defendida pelo romanista americano H. F. Muller e seus discípulos Pauline Taylor, L. F. Sas e Mario Pei. Pei, por exemplo, declara que este latim era “a tongue which bears every mark of being not merely written, but spoken as well, and spoken not by an intellectual *élite* alone, but by the vast mass of the population” (*LECTNF*, 357), o que mereceu o espanto de Norberg: “Ein gallischer Bauer hätte also nach Pei auf dieselbe Weise reden sollen, wie die Schreiber des Königs bei der Ausfertigung von Königlichen Erlassen und Diplomen schreiben!” (*SF*, 17). Lot, no citado magistral artigo, nos diz: “Dès les Sévères peut-être, plus probablement sous Dioclétien et Constantin, et, à coup sûr, pendant le dernier siècle d'existence de l'Empire d'Occident (383-476), il y avait deux langues, celle du peuple, parlée par l'immense majorité de l'Empire, celle de l'aristocratie: celle-ci n'était qu'une élite de riches particuliers, de hauts fonctionnaires, mais elle menait l'Etat et lui imposait ses formes de langage traditionnelles. Alors entre ces deux langues les communications sont rompues, ou plutôt elles ne se font que dans un sens. Le peuple ne comprend plus les formes de langage des hautes classes” (pág. 98). Cf. ainda Vidos (*MLR*, 121 e ss), numa crítica muito sensata à lição de Muller.

Destoa de tudo quanto os textos nos presenteiam até o séc. VIII o conhecido passo de Fredegário em que o futuro perifrástico não só aparece, mas ainda nos oferece o exemplo mais antigo da redução a um só vocábulo: “Oppraesso rege Persarum, cum victum tenerit, in cathedram quae honorifice sedere iussit, quaerens ei civitatis et provincias rei publice restituendas; factisque, pactionis vinculum firmari. Et ille respondebat: ‘Non dabo’. Iustinianus dicebat: ‘Daras’”. (Muller-Taylor, CVL, 163).

Sem dúvida deve-se a presença da nova forma do futuro à fidelidade e sinceridade com que a prosa de Fredegário procura trazer para a língua escrita as características da língua falada do seu tempo.²⁰ Ainda em nome desta mesma fidelidade, penso que o *dabo* que no exemplo ocorre não é futuro, mas presente do indicativo, de modo que prejudica aquela oposição que, com perspicácia, aponta o mestre Matoso Câmara no seguinte passo do seu estudo *Uma Forma Verbal Portuguesa*: “Vale salientar que o seu sentido (refere-se a *daras*) é aí de uma volição decidida, ou antes, imperativa: contrasta, na incisiva réplica de Justiniano, com o futuro clássico, que usa o rei dos Partos numa frase recalitrante, mas compreensivelmente tímida de vencido” (pág. 32). Creio ser difícil que no tempo de Fredegário ainda se desse a *dabo* valor de futuro, na língua falada, que é, como vimos, a que se procura espelhar nos escritos conhecidos por “*Chronicarum libri IV*”, e muito menos se tirasse partido estilístico entre esta forma e o novo futuro *daras*. Com certeza o *dabo* de Fredegário é mais um exemplo desta forma como presente – aqui presente categórico – para substituir a monossilábica *do*; *dabo*, na língua escrita, é um processo amaneirado de representar a formação popular *dao* – criada analogicamente – que teve grande futuro nas línguas românicas, como, por exemplo, no português *dou*.²¹

Foi Löfstedt quem chamou a atenção dos estudiosos para *dabo* usado preferentemente ao presente *do* nos escritos do médico Teodoro Prisciano, que viveu nas proximidades do ano 400 (S. , II, 49-50), como no trecho: “...hos cibis nutrio siccis et tostis. Acrimonia omnia concedo. Potum frigidum per momenta parcum *dabo*. Ieiunos vomere cogo. Per ventrem umorem deduco catharticus. Calidis unguentis omnia membra pertracto. Abisinthii solius aut hoc modo confecti” (*apud Löfstedt, ibid.*).

Também Bastardas Parera observa que:

El uso de *dabo* por *do* es general en las cartas leonesas y castellanas hasta el punto que la forma *do* es, em muchos cartulários, prácticamente inusitada. En estas cartas, el futuro *dabo* aparece com gran frecuencia coordinado con el presente de un verbo de significado afín: *dabo et concedo*, *dabo et trado*, *dabo et dono*, etc., em cambio, cuando no se usa el verbo *dare*, se dice: *dono et concedo*, *trado et concedo*, etc., lo que pone de manifiesto el valor de presente de dicho futuro (*PSLM*, 145).

²⁰ O latim de Fredegário mereceu um estudo exaustivo de O. Haag, saído nas “*Romanische Forschungen*”, X, 835-932.

²¹ Cf. H. Schmid, *ZFDSR*, e ainda D. Norberg, *HMN*, 252-253.

5. CONCLUSÃO

De tudo quanto se expôs anteriormente se chega a concluir que são insuficientes as três explicações dadas para a erradicação do futuro clássico em favor do futuro perifrástico, *quando são tomadas isoladamente*; na realidade, cada uma trouxe o seu quinhão para que o fenômeno se concretizasse. Tampouco as causas pararam aí. O futuro perifrástico deve ter recebido ainda o influxo de outros contingentes, entre os quais cabe ressaltar:

- a) A deriva do latim corrente no sentido das construções analíticas;
- b) resultante daí, o emprego de vários verbos como auxiliares modais (como *posse, velle, coepi, incipere, habere, etc.*)²²;
- c) As construções perifrásticas frequentes no grego, através da linguagem bíblica.²³

A explicação dita “morfológica” ressalta os pontos “débeis” no sistema verbal latino na tradução do futuro; a “estilístico-semântica” enfatiza o aspecto afetivo que envolve a expressão desta categoria temporal, mostrando que as formas modais tendem a se “temporalizar” através da gramaticalização²⁴; a tese de Coseriu focaliza a contribuição do Cristianismo, mas só podemos aceitá-la, como bem lembra Matoso Câmara, “apenas na medida em que esse movimento espiritual e a literatura que dele resultava, fa-

²² Cf. Schmalz-Hoffmann, *LG*, 581; Löfstedt, *PKPE*, 207-211.

²³ Cf. Löfstedt, *S*, II, 450 e ss. Diz Bourciez com justa prudência: Cette construction (fala de *dicere habeo* na idéia de possibilidade) qui provient sans doute d'un développement naturel de la langue, plutôt que de l'imitation du grec 'έχκειμαι...' (*ELR*, 117-118).

²⁴ Esto lo ha visto bien L. Spitzer, quien es, a nuestro entender, el estudioso que más hondo há penetrado en el problema universal del futuro, aunque sin llegar a una solución enteramente satisfactoria. Spitzer observa agudamente que hay que explicar tanto la aparición de las formas “modales” como su “temporalización”, que también es una renovación del futuro. El hecho a aclarar es el siguiente: “es scheint, dass die menschliche Sprache überhaupt periodisch abwechselnde Zerstörung und Aufbau des Futurs sich zum Prinzip gemacht hätte: *amabo = amā + bhū*, ich werde lieben, weicht *amare habeo, j'aimerai* und dieses im Neufz, einem *je vais aimer!*” (*apud* Coseriu, *RBF*, 3, I, 11, citando Spitzer, *ARSS*, 176. Acrescentei os exemplos do original alemão para facilitar ao leitor a lição de Spitzer). “Según Spitzer”, continua Coseriu, “ello se debería al ‘eterno Zwiespalt’ entre lo *lógico* y lo *afectivo*: por un lado, el hablante adopta una actitud subjetiva frente al futuro y expresa esta categoría mediante formas ‘modales’, porque así lo requiere la afectividad; por otro lado, esas formas se ‘gramaticalizan’ y se vuelven ‘temporales’, porque así lo requiere la lógica (*Ibid.*).

voreciam a língua viva em vez do latim mumificado literatura pagã antiga” (RBF, 3, II, 225).

A história das construções para o futuro se tem repetido porque traduz o esforço constante que o homem emprega para obter torneios expressivos. Como bem ensina Cassirer (PSF, I, 224), a tricotomia *presente – passado – futuro* não encontra perfeita correspondência na linguagem, ficando as ações distribuídas pela dicotomia *perfectum – infectum* e, seguindo a Streitberg, diz:

The formal classes which we are accustomed to call tenses have essentially nothing whatever to do with time distinctions. All classes of present, all aorists, all perfects in all their moods are timeless, distinguished from one another only by the type of action which they designate. Compared to this abundance of forms which served to differentiate modes of action, the means by which the Indo-Germanic designates time distinctions, seem modest in the extreme. For the present there was no special designation whatsoever, timeless action sufficed. The past was expressed by a temporal adverb attached to the verbal form: the augment... The future, finally, does not seem to have been expressed in any uniform way in the prehistoric period of the Indo-Germanic languages. One of the means of expressing it, perhaps the most original, was a modal form of probably *voluntative* signification (*ibid.*, 224-225).

Realmente só se emprega o “futuro” (de origem perifrástica) revestido de significação modal, com os mais variados matizes. Na idéia mesma de futuridade, usa-se, em português, o presente do indicativo, mais freqüentemente, enquanto o latim se servia ora do indicativo, ora do subjuntivo presente. Com o tempo, desgastava-se a significação modal e a perífrase “temporalizava-se”, levando o falante a procurar outro circunlóquio para o sentido modal. É justamente este o histórico dos futuros latino e românico. Ao lado das formas em *-am/ -es* (*legam, audiam*) – meros subjuntivos a serviço da idéia de futuridade –, desenvolveu o latim, em época posterior, um futuro em *-bo* (do radical *bheu= tornar-se*), aglutinado ao verbo principal, seguramente com significação modal. Perdida esta e reduzida a forma em *-bo* a mero futuro, voltou o latim a socorrer-se de outra ou outras perífrases modais, sendo de especial atenção para o português, a construção de *habere + infinitivo*, ou melhor, dada a colocação do auxiliar, *infinitivo + habere*. No português, como nas demais línguas românicas, o futuro *cantarei*, por exemplo, encontra representantes com idéia modal em construções como *vou cantar, quero cantar, pretendo cantar*, etc. Nas línguas germânicas pode-se traçar histórico paralelo.

Assim sendo, não se precisa buscar como razão suficiente, para o futuro em românico, nem causa extralingüística (como o Cristianismo), nem influxo de outra língua. A lição de Thielmann de que a construção *habeo + infinitivo* na idéia de futuro puro partiu do latim da África, a meu ver precisa de fundamento científico. Dizer com Ettmayer que: “Seit dem 4. Jahrhundert konnte zuerst auf afrikanischen Inschriften dieser Deliberativus als reines Futurum verwendet werden...” (VSRPh, 61)²⁵ não basta para justificar a procedência; nem tampouco a conjectura apresentada pelo nosso inesquecível e grande romanista Serafim da Silva Neto: “Ao que parece, tal perífrase tem o seu

²⁵ Norden (AK, 610) também se limita a citar Thielmann, sem discutir os argumentos.

ponto de partida no latim da África, *pois é muito freqüente nos teólogos de lá naturais* (o grifo é meu). Daí se expandiria pela Itália e pelas províncias ocidentais do Império” (HLP, 255).

BIBLIOGRAFIA

ALL = *Archiv für lateinische Lexikographie und Grammatik herausgegeben von E. Wölfflin*. I-XV. Leipzig, 1884-1908.

ALMA = *Archivum Latinitatis Medii Aevi*. Paris, 1926.

BARTSCH, K – WEISE, L. *Chrestomathie de l'Ancien Français*. 12e éd. Leipzig 1920.

BASTARDAS Parera, J. *Particularidades Sintáticas del Latín Medieval*. Barcelona-Madrid, 1953.

BATTISTI, C. *Avviamento allo Studio del Latino Volgare*. Bari, 1950.

BERTOLDI, V. *La Parola quale Mezzo d'Espressione*. Napoli, 1946.

BONNET, M. *Le Latin de Grégoire de Tours*. Paris, 1890.

BOURCIEZ, E. *Eléments de Linguistique Romane*. 4^e éd. Paris, 1946.

CASSIRER, E. *The Philosophy of Symbolic Forms. Vol. I – Language* (trad. Ingl. De R. Manheim). New Haven, 1953.

COSERIU, E. Sobre el Futuro Romance. In *RBF*, vol. 3, tomo I,1-18.

COUTINHO, I. L. Resenha a A. Blaise, Manuel du Latin Chrétien. In *RBF*, vol. 2, tomo I, 127-129.

DENSUSIANU, O. *Histoire de la Langue Roumaine*. 2 vols. Paris, 1901-1914.

DIEHL, E. *Lateinische Altchristliche Inschriften*. 2 Aufl. Bonn, 1913.

DIEZ, F. *Grammaire des Langues Romanes* (trad. Fr.). 3 vols. Paris, 1874-1876.

DUBOIS, A. *La Latinité d'Ennodius*. Paris, 1903.

ELCOCK, W. D. *The Romance Language*. London, 1960.

ETTMAYER, K. R. *Vademecum für Studierende der Romanischen Philologie*. Heidelberg, 1919.

GOELZER, H. *Le Latin de Saint Avit*. Paris, 1909.

GRANDGENT, C. H. *An Introduction to Vulgar Latin*. Boston New York – Chicago, 1907.

GRÖBER, G. Geschichte der Romanischen Philologie. In *Grundriss der Romanischen Philologie*, I, 2. Aufl. 1 – 185. Strassburg, 1904-1906).

HOPPE, H. *Syntax und Stil des Tertullian*. Leipzig, 1903.

JURET, P. C. Etude Grammaticale sur le Latin de S. Filastrius. In *RF* 19, 130-320. Erlangen, 1905.

LANDGRAF, G. *Kommentar zu Ciceros Rede Pro Sex. Roscio Amerino*. 2. Aufl. Leipzig – Berlin, 1914.

LINDSAY, W. M. *The Latin Language*. Oxford, 1894.

LÖFSTEDT, E. *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*. Uppsala, 1911 (cito pela reprodução anastática de 1936).

———. *Syntactica*. I – (2. Aufl.) – Lund, 1942-1933 (cito pela reprodução de 1956).

LOT, F. À quelle époque a-t-on cessé de parler latin? In *Alma* 6, 97-159, 1931.

MATOSO CÂMARA JR., J. *Uma Forma Verbal Portuguêsa*. Rio de Janeiro, 1956.

———. Sobre o Futuro Romance. In *RBF*, vol. 3, tomo II, 221-225.

MAURER JR., Th. H. *Gramática do Latin Vulgar*. Rio de Janeiro, 1959.

MEILLET, A. *Equisse d'une Histoire de la Langue Latine*. 6^a éd. Paris, 1952.

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des Langues Romanes* (trad. fr.) – 4 vols. Paris 1890-1906 (cito pela reprodução de R.G.E. Stechert, New York, 1923).

———. *Introducción a la Lingüística Románica* (trad. esp.) Madrid, 1926.

MULLER, H. F. *L'Epoque Mérovingienne*. Ew York, 1945.

MULLER, H. F. – TAYLOR, P. *A Chrestomathy of Vulgar Latin*. Boston, 1932.

MULLER-MARQUARDT, F. *Die Sprache der Alten Vita Wandregiseli*. Halle, 1912.

- NASCENTES, A. *Elementos de Filologia Românica*. Rio de Janeiro, 1954.
- NEBRIJA, A. *Gramática Castellana* (ed. P. G. Romeo y L. O. Muñoz). 2 vols. Madrid, 1946.
- NORBERG, D. *Syntaktische Forschungen*. Upsala, 1943.
- . Contributions à l'Étude du Latin Vulgaire. In *Hommages à Max Niedermann – Latomus*, XXIII, 251-257. Bruxelles, 1956.
- NORDEN, E. *Die Antike Kunstprosa*. 2 vols. 5 Aufl. Darmstadt, 1958.
- PAGLIARO, A. Logica e Grammatica. In *Ricerca Linguistica*, I, 1 e ss.
- PEI, M. *The Language of the Eighth Century Texts in Northern France*. Diss. New York, 1932.
- REVISTA Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- ROMANISCHE Forschungen*. I – XXXIX. Erlangen, 1883-1921.
- ROMANIC Review* (The). New York, 1910.
- SALONIUS, A. H. *Vitae Patrum. Kritische Untersuchungen über Text, Syntax und Wortschatz der Spätlateinischen Vitae Patrum*. Lund, 1920.
- SCHAMALZ, I. H. – HOFMANN, I. B. *Lateinische Grammatik. Syntax und Stilistik*. 5. München, 1928.
- SCHMID, H. Zur Formenbildung von DARE und STARE. Im *Romanischen* (Romanica Helvetica, vol. 31). Bern, 1949.
- SCHRIJNEN, J. – MOHRMANN, C. *Studien zur Syntax der Briefe des hl. Cyprian*. 2 vols. Nijmegen, 1936.
- SHERLOCK, R. B. *The Syntax of the Nominal Forms of the verb, exclusive of the Participle, in St. Hilary*. Washington, 1947.
- SILVA NETO, S. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1952-1957.
- SOMMER, F. *Handbuch der Lateinischen Laut – und Formenlehre*. 2. Und 3. Aufl. Heidelberg, 1914.
- SPITZER, L. *Aufsätze zur Romanischen Syntax und Stilistik*. Halle, 1918.

THIELMANN, P. *Habere* mit dem Infinitive und die Entstehung der Romanischen Futurums. In *ALL*, II – 1885, 157-202.

TIDNER, E. *Sprachlicher Kommentar zur Lateinischen Didascalia Apostolorum*. Stockholm, 1938.

VIELLIARD, J. *Le Latin des Diplômes Royaux et Chartes Privées de l'Époque Mérovingienne*. Paris, 1927.

VIDOS, B. E. *Manuale di Linguistica Romanza* (trad. ital.) – *Archivum Romanicum*, n° 32. Firenze, 1959.

VOSSLER, K. *The Spirit of Language in Civilization* (trad. ingl.). London, 1951

WACKERNAGEL, J. *Vorlesungen über Syntax mit besonderer Berücksichtigung von Griechisch, Lateinisch und Deutsch*. 2 vols. 2. Aufl. Basel, 1926-1928. Nova tiragem de 1950.

WARTBURG, W. *Problemas y Métodos de la Lingüística* (trad. esp.). Madrid, 1951.

WESTERBERG, U. *Chronicon Salernitanum*. A Critical Edition. Stockholm, 1956.